

Alfredo Faria de Castro

1.ª serie

1 DE OUTUBRO DE 1892

N.º 10

R. das Flores, 130, 1.

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

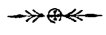
REDIGIDA

NO

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES



SUMMARIO

Discurso pronunciado na missa nova do meu amigo Joaquim Machado.....	<i>Henrique Gomes</i>
A Religiosidade.....	<i>Abundio da Silva</i>
O Pessimismo.....	<i>Padre Antonio Hermano</i>
Desilludida (poesia).....	<i>Mattos Ferreira</i>
Um folheto protestante.....	<i>J. d'Oliveira</i>
Influencia do Catholicismo nas produções da Intelligencia.....	<i>José Victorino Pinto de Curvalho</i>
O Phantasma.....	<i>J. Machado</i>
No sanctuario da Penha (poesia).....	<i>Dias Freitas</i>
Cartas d'um impio.....	<i>Rodrigo Moreno</i>
Notas bibliographicas.....	<i>Brund d'Almeida</i>

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 1\$000 reis.—N.º avulso 200 reis.

Admittem-se annuncios a preços convencionaes.

As obras litterarias annunciam-se mediante dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção—Collegio de S. Damaso—Guimarães.

EDITOR RESPONSAVEL—PADRE ANTONIO HERMANO

SUPPLEMENTO Á 'CRENÇA & LETRAS.'

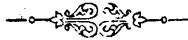
GAZETILHA

DO

COLLEGIO DE S. DÁMASO

EM

GUIMARÃES



Um Collegio que prospéra.—O Collegio de S. Dámaso entra agora no terceiro anno da sua existencia. Tem ainda uma historia pequena, mas em compensação é inexcusavelmente honrosa; por isso é justo que a rememoremos.

Foi fundado em 1890 por uma sociedade de pádres seculares que desde o principio da sua vida sacerdotal se haviam consagrado ao mister do ensino.

Logo n'esse anno teve o novo Collegio 75 alumnos internos, o que em Portugal nos parece facto unico, pois não temos noticia de internato que principiasse tão numeroso. E mais consideravel se torna o facto se se attender a que os fundadores tiveram de vencer não só as muitas difficuldades inherentes á fundação, mas tambem a má vontade de muitos que deveriam ser os primeiros a dar-lhes franco apoio, por ser o Collegio uma instituição caracteristicamente *portugueza* e em certa maneira um protesto contra não poucos que não põem duvida em passar attestado de incompetencia aos educadores portuguezes. No segundo anno lectivo, o numero d'alumnos internos elevou-se a 100, não obstante a instituição do Seminario de N. S. da Oliveira. Para o anno lectivo que agora se encia, já estão matriculados 120 alumnos internos, apesar de principiarem a funcionar em Guimarães, mais dois institutos d'instrucção secundaria.

Alumnos novos.— Até hoje, durante o corrente mez d'outubro, entraram para o Collegio os seguintes alumnos novos:

CRENÇA & LETRAS

Discurso pronunciado na missa nova do meu amigo Joaquim Machado

Vos estis lux mundi.

Já vistes o arraiar da aurora após uma noite de negrumes densissimos, d'uma escuridão que apavora?

E' bello o diffundir dos aureos raios, o desfazer das nuvens, o distillar dos aljofares matinaes que rociam a rosa, que abre as petalas.

E' surprehendente, é encantador, é d'uma belleza estonteante o distender d'aquella rubra cõr, que vae puniciando o firmamento, onde já não torceicolla o raio, nem ulula o trovão, nem se acastellam as nuvens.

Já vistes o sol a romper, a romper ealorificante e acalentador por detraz d'uns cumulos, que parecem montanhas, montanhas que se volatilizam, e volatilizando deixam vêr o anil do ceu que se espelha na alvura do regato?

Já admirastes como caminha imponente e magestoso na sua quadriga de fogo, fogo que vivifica, comò vae espargindo a flux aquelle não sei bem quê, que tudo anima, rejuvenesce e remoga?

Tudo isso—a aurora purpurando e o sol acalentando, a aurora estendendo-se em reflexos de naear e o sol dardejando reverberos de luz—tudo isso é sublime, tudo isso é bello d'uma belleza que prende e arrouba.

Mas superior a tudo isso, m elhor que tudo isso, para além de tudo isso, foi Jesus, fez Jesus.

Foi aurora, mas sem empannamentos nem esvalhições.

Foi aurora, e com o seu despontar esbateram-se e sumiram-se as nuvens que embruscavam o ceu da vida.

Foi sol, e sol com as faiscações do zenith, sem os esbaltamentos do occaso.

Foi sol, e sol fóco pujante de luz, sem decrescencias de calor.

Foi sol, e sol divino, que desmarmorizou os sentimentos, vigorizou as aspirações, acalentou os anhelos, avivou e pharolisou as esperanças, que pendiam enlanguescidas, bati-das pelas rajadas do erro.

Para além da Cruz, na vertente de lá do Calvario, era escuro, caliginoso e tetrico o firmamento da vida.

Aquillo era um viver entre caligens, escurentando-se n'um vertiginoso crescimento de negrura.

Aquillo era um contínuo viver em alcanceamentos, porque era um contínuo tropeçar em abrolhos, que dessangravam o coração, rasgando-lhe os fios mais intimos e mais sensiveis

Mas soberba, soberbissima transformação!

Jesus vem ao mundo, e o ceu desentolda-se, as nuvens varrem-se, as caligens adelgaçam-se, o firmamento não se abre, desentranha-lo-se em coruscancias pavorosas.

Jesus vem ao mundo, e é essa aurora limpidissima, que entorna sobre a humanidade pulverisações de amor, e desabrocha rosas sêccas e secca lagrimas e faz lagrimejar corações e transforma os corações de espeluncas do vicio em sacarios da virtude e faz dos desertos oasis, das campinas desoladas jardins vigorissimos, com aromatisações caidas do ceu.

Jesus vem ao mundo, e é esse sol esplendentis-imo, que espanca caligens, heretisa o que desmaia, heroicisa o que treme, ancóra o que se desruma.

Jesus vem ao mundo para regenerar a humanidade, a humanidade dementada pelo vicio, anesthesiada pelo erro, e regenera-a, e levanta-a das restingas do mal.

Mas ainda fez mais.

O navio, que se baloíça no dorso das vagas e já se esconde além, na orla do horisonte, precisa de piloto que lhe marque róta segura, fugindo dos recifes, evitando os escurceos.

O pobresinho, que tem a alma negra, porquê vê tudo negro, o pobresinho, que se crispa de dôr e chora, porque não pôde contemplar o estrellado do ceu, o verde das campinas, o alcantilado das montanhas, a ridencia dos vergeis, o pobresinho precisa de guia que lhe encaminhe os passos, desviando-o dos algares que se rasgam e escancaram na sua frente.

A humanidade, navio fendendo as ondas dos prazeres, que marulham e refervem, precisava de piloto.

A humanidade, pobresinho cego pelo erro que tudo apresenta em tela escura, precisava de guia.

E Jesus que, prescrutando o futuro, já lhe via os solavancos e as quédas, institue o sacerdozio e diz ao Padre: O oceano, em que esse baixel navega, tem rugimentos e espumações, abysmos, que por vezes se abrem, deixando vêr as fauces hiantes; mas tu pega do leme, e sem esmorecimentos brada *avante!*

Na estrada, que esse pobresinho trilha, ha sarças e as sarças tem espinhos e os espinhos abrem chagas e as chagas vertem sangue e sangue vertido é vida que falta; mas tu vae na frente e desponta-as, guarece as feridas, estanca o sangue. Serve-lhe de piloto e de guia. *Vós estis lux mundi.*

Sim, meus senhores, o Padre é o piloto e o guia da humanidade.

Piloto, avista a nuvem que se desenrola ameaçadora, e colhe as velas, empunha arrojado o timão, espera destemido a borrasca.

Guia, examina o caminho, não deixa que o pobresinho repouse na solidão dos desertos, sob os ardores d'um sol que queima.

Eis delineado o plano do meu discurso,—breves palavras ácerca da missão do padre sobre a terra.

Senhor: O veado, quando sequioso, corre veloz ao ribeiro que se espreguiça por entre choupos; a criança, quando fraca, achega-se do seio materno.

Eu, meu Deus, sedento de graças, falto de luz, recorro a Vós. Reverberae para a minha intelligencia uma scintella do vosso saber e dae ás minhas palavras fogo que incendeie corações.

Senhores: Foi obtemperando aos desejos do novo levita e aos impulsos do meu coração que subi a este logar de tremenda responsabilidade. Seria ousadia? talvez. Não deveria vir? Mas o amigo chamava e o coração impellia. Vim. Que a vossa benevolencia me desculpe as faltas.

(*Continúa.*)

HENRIQUE GOMES.

A RELIGIOSIDADE

II

A raça de Cro-Magnon. — Alta antiguidade de esta raça. — Excellencias do homem ante-historico. — O progresso no homem primitivo representado pelo da raça de Cro-Magnon. — O sentimento religioso n'esta raça.

Se a raça de Canstadt apresenta os caracteres de uma intelligencia acanhada, de uma industria ainda não começada, e a ausencia de monumentos religiosos, no velho de Cro-Magnon descobrem-se os caracteres de uma organização intellectual bastante desenvolvida, de uma industria relativamente adiantada, e restos importantes de suas crenças religiosas.

A alta antiguidade d'esta raça é incontestavel. A egyptologia, essa sciencia prodigiosa, cada dia nos offerece novos dados que fazem recuar cada vez mais a antiguidade do homem sobre a terra. Já não vigora a tradição historica sobre a idade da humanidade, já não pode ser accete o numero sem razão attribuido á Biblia, mas «se o estudo do globo, o estudo das diversas faunas que successivamente o têm povoado, fazem remontar o passado da nossa raça muito para lá da tradição historica, tambem a cosmographia ou a zoologia, a geologia ou a paleontologia são impotentes para resolver o grande problema das nossas origens.»

É d'este passado fabuloso que nós vamos arrancar as pedras, as ossadas, os monumentos que nos hão-de dizer que alli está trabalho de um espirito, a arte de um homem.

É attendendo ás circumstancias do meio n'esta epocha mais remota da humanidade, que admiramos os nossos dotes, que ficamos estupefactos perante as nossas forças.

Hoje deslumbram-nos as incessantes conquistas do saber humano, os heroicos feitos dos homens da historia. Mas se attendermos que o homem ante-historico, esse que é o nosso tronco, despido de todos os recursos que hoje poderia encontrar, resistiu aos ataques das feras cem vezes mais poderosas, viu extinguirem-se o mamuth, o mastodonte e outros gigantes de robustissima constituição, sahiu incolume dos grandes cataclysmos a que estes não poderam resistir, seremos obrigados a confessar que os homens de hoje são uns pygmeus junto de seus avós; são como o fragil arbusto que quebra quando um vento mais forte sopra.

Os caracteres que descobrimos no homem de Cro-Magnon, deixam, na verdade, suppor a que grau de perfeição chegaria esta raça, se outras fossem as condições do meio.

A sua estatura é recta, a mão, como diz Pressensé, tem esta disposição delicada que a torna o instrumento docil e brando da vontade. O craneo é soberbo, a fronte elevada; n'uma palavra: é um homem formado quer physica, quer moral, quer intellectualmente.

Embora nos não diga respeito, vejamos, ainda que a lar-

gos traços, os restos que da sua industria nos deixou o homem pre-historico dignamente representado na raça de Cro-Magnon.

O homem começou a fabricar as suas armas defensivas para se livrar das furias dos carnivoros que o rodeavam, e offensivas para que na caça encontrasse a alimentação de que carecia. Encontramos os machados de *S^t Acheul*, de *Moustier*, as frechas da *Solutré*. No fim da idade paleolithica encontram-se vestigios consideraveis de officinas de armas e utensilios.

Não contente em cobrir-se toscamente com a pelle dos animaes mortos na caça, tratou de as amoldar ao seu corpo lançando a base do vestuario: — assim se explica o apparecimento da agulha.

A alimentação, tal qual a dava a natureza não éra sufficiente para prover ás suas necessidades. A que provações se veria entregue o troglodytta quando não tinha meios para combinar e variar os productos da natureza, facilmente se imagina.

Domesticou os animaes, melhorou as agruras da sua vida, quando á sua disposição teve o cavallo que veloz o levasse atravez grandes distancias, o boi que paciente transportasse os pesados materiaes, ou o eão que fiel guardasse as suas acquisições.

A pesca tambem não foi desconhecida. A grande quantidade de restos de peixes do mar provam que Troglodytta se entregava a temerarias explorações e ao commercio com as povoações ribeirinhas.

Em fim, como condição necessaria para a pesca, já era conhecida a navegação, e os museos da Suissa conservam grande numero de embarcações que serviram nas povoações lacustres.

O homem das cavernas tambem não desconheceu o luxo e o bello. Os museus conservam grande numero de collares com que se ornamentava, e numerosos ornatos gravados nos *bastões de commando*. E n'esta especie tornam-se notaveis as

gravuras representando caçadas, em que o homem se desenhava sempre como vencedor; isto prova que distinguia o mundo subjectivo do objectivo, não deixando que o seu espirito fosse levado na torrente das sensações, e saía do estado de inconsciencia.

Vestigios importantes do sentimento religioso nos deixou o velho de Cro-Magnon.

Um grande numero de craneos descobertos nas cavernas apresentam vestigios da operação chamada *trepanação*. Segundo Nadaillac, esta practica extranha resulta da crença em espiritos malfazejos que é necessario expellir. Ao craneo dos individuos que soffreram esta operação, tirava-se uma rodella de que os sobreviventes usavam como bentinho ou que era collocada junto do morto. Segundo o auctor citado, este costume é a prova da firme crença na immortalidade.

Outro vestigio das crenças religiosas no Troglodytta é o grande numero de *amuletos* descobertos; onde ha um amuleto ha superstição, e onde ha superstição ha crença em um poder superior e desconhecido, o que muito se prende com a religião.

A crença na immortalidade é attestada até á saciedade pela sepultura. Junto do morto sam depostos os utensilios e a arma de que na vida terrena mais usava, assim como alguns viveres, prova frisante na crença da identidade do ser humano além tumulo. Os cadaveres eram collocados na sepultura da mesma maneira que o embryão no ventre materno, talvez para significar que se uma vida se acabava, outra ia começar. É muito para notar o modo especial como o homem primitivo curou da sepultura. A sepultura primitivamente era uma simples caverna; depois appareceram os *tumuli* formando como que *uma cidade de mortos sendo cada casa um monolitho*, e mais tarde os *dolmens*. «A sepultura era considerada como a abobada excessivamente abatida pela qual todos temos de passar curvados até ao chão, para do outro lado renascermos mais felizes e mais bellos.»

A raça de Cro-Magnon foi uma raça essencialmente trabalhadora á qual está consagrada uma pagina brilhante na historia da humanidade. «Foi ella que tomou posse do futuro desde o dia em que procurou por seu trabalho um utensilio ou uma arma.»

Foi uma raça essencialmente religiosa; o sentimento religioso apossou-se inteiramente do coração d'esses homens que incapazes ainda, como diz Quinet, de levantar uma habitação que os abrigasse das inclemencias do tempo, já curavam de elevar uma sede eterna aos seus mortos.

(Continúa.)

Coimbra, 10-2-92.

ABUNDIO DA SILVA.

O PESSIMISMO

(Continuado de pag. 25)

Como theoria vemol-o enfileirado na vasta galeria caprichosa dos devaneios philosophicos, tendo por sacerdote maximo Schopenhauer.

Da theoria desceu á practica, diffundiu-se largamente e ganhou um proselitismo numerozo. Insinuou-se subtilmente, penetrón em toda a parte, nas paginas dos livros e nos artigos soltos das folhas diarias. Subiu aos palcos tisnando com a punção dolorosa da ironia, as crenças, as instituições, as pessoas e as coisas. Vasou muito fel da sua amargura nos discursos academicos e nas conferencias literarias e houve mesmo quem o visse na tribuna religiosa pintando tudo negro da cõr da noite, tudo precipitando-se, caminhando n'um redemoinhar vertiginoso e horrivel, para o abismo, misterioso, irremediavel, da perdigão eterna.

Estadeou-se tambem perante as grandes assembleias politicas nas tribunas dos parlamentos, desvirtuando as reputações mais impolutas e fazendo ruir n'um tremedal de lama os ideaes mais alevantados. Tem sido, e não deixa de o ser ainda hoje para muitos, um desabrido vendaval de insanias que na sua passagem ha semeado a desolação e o desanimo.

Causas multiplas lhe hão preparado o terreno para uma fructificação uberrima e duradoira. A principal foi a deserença haurida sofregamente em todas as produções do pensamento e em todas as manifestações da arte. A sede doida de liberdade, que se ficou levedando no pensamento europeu desde o grito revoltoso de Luthero e cuja explosão no fim do seculo passado, se esmagou o trono, símbolo da tirannia, metteu tambem alavanca violenta ao Altar.

O Altar e o Deus que o encima, não ruir nem podia ruir, mas uma vez sacriligamente violada a area sancta, todos se julgaram com o direito de insultar a religião immensamente veneranda, a quem aquella mesma sociedade enlouquecida muito devia. Soltos assim os diques á deserença, a religião batida em brécha refugiu dos gabinetes dos sabios e da agitação dos grandes centros urbanos para a alma rude mas generosa e boa do camponez. E a verdade é que, durante mais de meio seculo, pesou sobre o mundo uma perniciosissima crise religiosa, que desligou o homem do seu norte:— Deus. E não ha nada que mais rapido conduza á desesperança e á dôr e immaranhe o homem na torturante trama do pessimismo, do que ver-se assim o espirito deserido de si e deserido de tudo, sem um fanal que lhe illumine as formidaveis interrogações mysteriosas que o pensamento com insistencia diabolica formula: quem és? d'onde vens? para onde vaes? Debalde o infeliz descrente lançaria os olhos doridos para as paginas safaras da philosophia. A aridez d'aquelles sistemas que tão depressa se elevam á gloria do zenith, como breve se somem na vala dos que passaram, deixa em pé, hirtas como phantasmas, aquellas interrogações medonhas. Parece que nem aos Titans do pensamento, áquelles que Deus dotou com uma envergadura colossal, é dado escalar o sancta

Sanctorum em que se occulta a solução dos grandes enigmas. Por isso, o homem desamparado de Deus em quem não cria e da philosophia que o não satisfazia, sem uma restea de claridade que lhe revellasse o passado ou desvendasse o porvir, viu tudo negro, tudo da côr funebre da treva, lançando-se d'ess'arte no seio gelado do desespero. E como o homem irreligioso, desprendido dos abençoados vinculos da consciencia, diz ao vicio que entre francamente e faz do prazer sensorio o seu ideal, vindo em seguida o remorso que escalda como brasas, mostrar-lhe a ignominia do seu proceder e transformar o ephemero prazer doce no veneno mais lethal e no absyntho mais amargo, o infeliz dá mais um largo passo na estrada inclinada do pessimismo.

Creio pois que a causa primordial do desenvolvimento do pessimismo — *a doença do seculo* — foi o grande abalo produzido nos grandes ideaes religiosos que haviam timoneado a alma humana. Felizmente essa causal geradora de tão nefasta doutrina tende a desaparecer, notando-se por toda a parte uma salutar regressão ao velho espiritalismo, a esse espiritalismo christão infinitamente benemerito e civilizador. Parece que o espirito moderno se sente cansado de andar errante á mercê do pensamento livre e da vontade sem consciencia, qual astro sem orbita, e volta penitente e desilludido a accolher-se á sombra fortificante do templo.

Na verdade após uma luta religiosa quasi secular, a Igreja pode dizer com ufania, que colheu a maior das victorias sobre o maior dos inimigos. Venceu a prodigiosa civilização moderna, armada com todos os seus progressos maravilhosos, e venceu-a exactamente onde a victoria era mais difficil — no campo da sciencia e da sociologia!

DESILLUDIDA

No guarda-roupa, sedas e velludos,
depois d'aquelle baile, sepultou.
Joiias, perlas, rubis abandonou,
aos cofres armoriados, com escudos!

E um dia, pallida e de labios mudos,
loiras tranças no altar sacrificou.
nobres ornatos por burel trocou,
mimo e esplendôres, por cuidados rudos.

Hoje sorri, mirando da janella,
da vasta cerca a tremula verdura,
á luz do sol, que vem doirar-lhe a cella.

E em vãos ascende á perennal ventura,
quando á noite se prostra na capella,
do eburneo Christo á tragica esculptura!...

MATTOS FERREIRA,
prior em Cintra.

UM FOLHETO PROTESTANTE

(REPAROS)

II

*Ao sympathico e desditoso impio
Rodrigo Moreno.*

Continuando, amigo padre Figueiredo:

«E' por tudo isto, diz s. rev.^a, que o ultramontanismo mais teme a propagação do Evangelho. O seu maior inimigo é o Evangelho; e, embora se veja obrigado a declarar que apregôa a sua doutrina, promove-lhe uma guerra surda, indirecta, terrivel. Os ultramontanos dizem as cousas mais horrosas (!) das biblias, que por ahi correm e que são no seu maior numero a traducção da Vulgata, feita pelo padre-romano Antonio Pereira de Figueiredo, e gritam desesperadamente contra os protestantes que divulgam tão precioso livro.»

Eu pretendo converter-me e despir as armas das trevas. Neste caso, dir-me-ha, padre Figueiredo, onde é que estava a verdadeira Egreja de Christo no seculo 16.^o, se a catholica, que então Lutherio e demais patriarchas do protestantismo abandonaram não era a verdadeira.

Tambem desejava que me dissesse se os Evangelhos e em geral o Novo Testamento foram escriptos antes ou depois de principiar a existir e a constituir-se a religião de Jesus; porque segundo se deprehende do seu arazoado, não é possível ser-se christão sem a competente biblia, como se não pôde ser judeu sem a circumcisão.

Quando os reformados reunidos em Spira em nome da sonhada liberdade de consciencia, protestaram contra o decreto votado na dieta do mesmo nome pelos catholicos assustados com o desenvolvimento que tomava a revolução religiosa, não nos disseram onde estava encantonado o

verdadeiro Christianismo. Contentaram-se com negar e revolver dogmas, fomentar e abraçar novidades de que elles mesmos nem sabiam dar a razão e acabaram por nos dar a famosa *confissão d'Augsburgo* na qual estavam synthetisadas todas as suas crenças, nascidas no meio das armas e da protecção dos insaciáveis príncipes e eleitores da Allemanha.

Foi assim que nasceu o protestantismo, no meio do despeito de luctas passadas, e da perspectiva e cubigosa miragem de bens e grandezas futuras.

Luthero, no auge do furor reformador e ajudado dos seus altos conhecimentos exegeticos, intentou a primeira traducção da Biblia para a lingua allemã a lançou-a, interpolada a seu bel-prazer, nas mãos d'um povo ignorante e electrizado.

Os protestantes admittem, como regra de fé, o exame individual das Escripturas. No entanto a religião é feita para todos, mesmo para o povo mais ignorante; e até um dos distinctivos da missão de Jesus Christo é ter vindo para evangelisar os pobres e os pequenos—*pauperes evangelisatur*. Ora, se cada um não pôde formar a sua fé senão pelo exame da Biblia, que fazer d'esse grande numero de christãos de todos os paizes e de todos os seculos completamente incapazes, não digo já de examinarem, mas mesmo de lerem os livros santos?

E por que motivo, além d'isso, se ha-de considerar hoje preciso para a lei-christã um exame que não era necessario na origem do Christianismo? (1)

Como os protestantes não ignoram, Jesus Christo percorreu a Judeia prégando e evangelisando de viva voz os povos. Só muito depois da sua morte é que a sua doutrina passou á escripta. Os seus enviados, os apóstolos converteram povos e nações pela simples prégação, e antes d'escrever cousa alguma, fundaram muitas egrejas pelas diversas

(1) Mr. Fraŕssinous, *Defeza do Ch. II.*

partes do imperio. Já no fim da vida é que elles tiveram o cuidado de exarar nos evangelhos as principaes acções e discursos do Mestre, afim de melhor e mais seguramente passarem á memoria dos crentes. Ao mesmo tempo alguns d'elles dirigiam cartas aos habitantes das terras, que tinham convertido á fé catholica.

Por consequencia o Christianismo existiu e fundou-se sem o respectivo exame das Escripturas!

Dado, que não concedido, que todos os christãos podessem lêr a Biblia, seriam elles capazes de a comprehender?

A Biblia tem obscuridades e sublinidades que o simples povo, sem nenhuma educação intellectual, jámais poderá destrinçar pela sua fraca intelligencia.

O exame individual e absoluto levaria-me longe, se eu pretendesse atacar o protestantismo na sua primeira base.

*

Derradeiras bellezas do sermão do padre Figueiredo:

«Graças a Deus, a doutrina do Evangelho corre por todo o Portugal. Então levanta-te povo portuguez, esclarece-te, porque chegou a tua luz; e o brilho refulgente d'essa luz divina é já impossivel offuscar-se!!»

Ha mais de 16 seculos que a doutrina do Evangelho conta fies aqui, a este canto do mundo. Pelo menos no reinado de Diocleciano já aqui espadanou o sangue dos martyres da fé. Como quer, padre Figueiredo, que o povo portuguez se levante, se a doutrina que mais o preoccupa é não a que Jesus Christo ensinou, mas aquella que as seitas dos dissidentes lhe tem infiltrado no coração sedento d'ambições e interesses mesquinhos. O povo portuguez foi grande enquanto conservou illibada a sua crença e intemerata a sua virtude. Engrandeceu-se á sombra do ultramontanismo; mas agora, no dizer do ministro protestante, é impossivel offuscar-se o brilho da luz divina que o adorna! Estou mesmo a vêr cada portuguez converter-se em outro Paulo e partir para

a evangelisação do mundo. E' o que se chama escrever para a lua..

Não é o protestantismo capaz de levantar nações, e nações marasmadas como a nossa. Abunda n'elle muito egoismo e demasiada ganancia para effeito tão alevantado. F'altam-lhe os admiraveis e sublimes exemplos de dedicação e sacrificio que só o Christianismo sabe inspirar.

«O homem é justificado pela fé, sem as obras da lei, diz S. Paulo..... A doutrina da salvação pelas obras é anti-christã: a pratica continuada de certos actos — frequencia de sacramentos, procissões, jejum, peregrinações, tudo isso que se faz para ganhar o ceo — destroe pela base o espiritualismo do Evangelho.» E' de reccar que a Biblia do padre Figueiredo não tenha aquelle versiculo do mesmo S. Paulo, em que diz que a fé sem as obras não vale nada — *fides sine operibus mortua est*. Não lhes convem, e aquillo que lhe não serve elles o sacrificam impiedosamente mutilando-o. Eis o valor das biblias protestantes, porque o padre Figueiredo manifesta tanta predilecção.

Se o homem fosse apenas uma pura intelligencia, deviam rejeitar como inutil a pompa dos ritos, actos e ceremonias sagradas. Mas sendo elle um composto d'alma e corpo, as cousas sensiveis exercem sobre o coração do homem um grande imperio; os orgãos do corpo conduzem a despertar nos animos sentimentos de alegria ou dôr, de terror ou de piedade, de temor ou de esperanza de tal modo que é preciso ostentar diante de nós uma ordem e encadeamento de ceremonias tal, que possa prender a nossa attenção e nutrir a piedade.

A religião não pôde sustentar-se nem perpetuar-se se não pelo culto publico. O nosso culto está, pois, mais que bastantemente justificado em todas as partes de que se compõe, nas egrejas, nas assembleias religiosas e enfim em todas as ceremonias sagradas.

Que o digam as innumeras conversões que a magestade do culto catholico tem operado em toda a parte; as inefia-

veis consolações e alegrias que a sua grandeza e sublimidade hão causado. Vou trasladar para aqui os nomes d'alguns homens insuspeitos, que diante das nossas ceremonias, sem querer talvez, tiveram que sentir uma profunda commoção.

Lord Bolingbroke assistindo á celebração dos augustos mysterios no palacio de Luiz XIV, experimentou um sobresalto involuntario no momento em que o rei e a sua côrte, n'um silencio magestoso, ajoelham diante da hostia sagrada.

Misson, na sua viagem á Italia, enche-se de respeito á vista do pontifice que abençoava o povo reunido na grande praça de S. Pedro. O mesmo Rosseau esquecendo algumas vezes ante os altares sagrados os seus argumentos contra a oração, commove-se até ás lagrimas. Nós mesmos, querido padre Figueiredo, não temos experimentado algumas vezes semelhantes emoções?

Não se lembra da sua primeira missa?...

Evoque, evoque esses dias de saudade e de prazer infavel, compare-os com os que os agora vê passar mergulhado na algidez do protestantismo, e medite!

J. D'OLIVEIRA.

INFLUENCIA DO CATHOLICISMO

NAS

PRODUCCÕES DA INTELLIGENCIA

VI

A Theologia

Se examinarmos as crenças dos povos antigos, a respeito de Deus, da existencia e fim do homem, só encontramos extravagantes erros e absurdos. As paixões mais abjectas dominavam n'aquelles povos, a ponto de lhes extinguir até as proprias luzes da razão natural.

Vogavam os homens, como navio sem bussola, á mercê do mar agitado das suas loucuras; aspiravam á conquista da verdade, mas no meio das trevas que os cercavam, sem uma luz sobrenatural, que lhes indicasse o verdadeiro caminho, não atinavam por onde dirigir os passos, para attingir seu fim.

*

* *

Criam os phenicios que o principio de todas as coisas fôra o ar tenebroso ou cahos confuso; e que os homens nasceram de um vento, chamado *Colpia*, e de um fogo, a que davam o nome de *Baan*. E como estas, acreditavam outras fabulas, a que davam credito e propalavam muitos auctores, com o fim de fazer acreditar a antiguidade dos mysterios phenicios.

Julgavam os egypcios que os homens tiveram principio no seu paiz, produzidos pelo calor do céu, combinado com as aguas do rio Nilo; que os deuses foram homens mortaes, que adquiriram a immortalidade pelas suas virtudes. E de harmonia com esta creença sacrificavam victimas a Isis, Osiris, Typhon, Baccho e outros deuses.

Diziam os gregos que de Cadmo, filho de Agenor, tiveram origem seus deuses e deusas, contando ao mesmo tempo lendas extravagantes a respeito das Nymphas, Musas, Baccho Silerio, Alemena, Hercules, Esculapio e outros.

Attribuiam os atlanticos o principio de tudo ao seu primeiro rei Celeno, que faziam progenitor de muitos filhos.

Diziam-se os phygios descendentes de Meonio, esposo de Dindyma, de quem tiveram origem muitos deuses, como Atys, Marsyas, Hyperio, Ceves, Vesta, Cybele e outros, de que fallam com toda a seriedade Hesiodo, Homero e outros auctores.

Contavam os gentios maravilhosas façanhas dos seus deuses: Saturno devorava os filhos, Jupiter desterrara o pae para as regiões do Averno, Neptuno tinha amores com as nymphas, Proserpina habitava nas lagoas estygias, e uma en-

fiada de loucuras n'este gosto, de que o proprio Platão, apesar de gentio, galhofava, chamando fabulosas ás genealogias de taes deuses.

Tinham os arcades tal veneração pelo seu deus Demogorgon, que condemnavam á morte quem ousasse pronunciar-lhe o nome; pelo que apresenta Lucano a feiticira Erigon gritando que estavam abertas as portas do inferno, para trahirem o desgraçado que temerariamente proferisse o nome de tal divindade!...

Adoravam os athenienses a Egeu, que desesperado por julgar derrotado seu filho Theseu, se precipitou no mar, a que deu seu nome; e a Oedipo, filho de Laio e de Iocasta, que, sem o saber, matou o pae e casou com a mãe. Os assyrios adoravam Adonis, filho de Myrrha; os asiaticos, a magica Medea, que matou os proprios filhos e Creusa, sua rival, e practicou outras façanhas semelhantes... Prostravam-se os babilonios diante da estatua de Bello, junto da qual collocavam todos os dias grande porção de manjares, para sua refeição. Certos povos da Libia sacrificavam ao seu deus Buisiris, todos os peregrinos e viajantes, que tivessem a infelicidade de apparecer na sua terra! Os habitantes da ilha de Chipre adoravam a deusa Venus, protectora de todas as immoralidades e vicios. Os indios do reino de Bahar adoravam o boi, e os mauritanos rendiam culto aos Faunos e Satyros que, segundo Rabano, eram uns homensinhos de nariz curto e chifres na testa, como as cabras...

Tinham os antigos romanos seus deuses, para protegerem todas as loucuras, vicios e crimes mais repugnantes.

Os habitantes de Delphos adoravam o lobo; os da ilha de Samos, a ovelha; os de Corfú, a serpente; os de Tenedos, ilha do archipelago, uma vacca gravida; os alanos, povo da Seythia, o dragão; os egypciãos, a vibora, o crocodilo, o alho e as cebolas; os thebanos, a doninha; os syrios, a pomba; os da Thessalia, a cegonha e outros povos a leão.

Os lacedemonios dedicaram templos ao deus Arroz e ao deus Temor; os meotes, povos da Schytia meridional, vene-

ravam, como divindades, uns peixes, chamados Oxiringos; e a outros, chamados Fares, prestavam culto n'outra região.

Os habitantes de Cadiz personificavam a velhice, e faziam d'ella uma deusa; finalmente os Troglodytas, povos que habitavam em cavernas nos paizes do norte da Europa, adoravam as tartarugas marinhas.

O proprio Socrates, que combatia o polytheismo; que não fallava em deuses, mas em Deus; que ensinava a immortalidade da alma e a vida futura, entretanto, antes de beber a cicuta, sacrificou ao deus Esculapio!...

*
* *

Eis as loucuras, a que se entregavam os homens, antes que a religião de Jesus Christo illuminasse o mundo, ensinando a verdadeira Theologia.

Desvairados, sem um ponto de apoio seguro em que se firmassem; sem a verdadeira luz que alumiasse seus passos, entregavam-se os homens ás loucuras, que sua extravagante imaginação phantasiava!...

Veio em seu auxilio a doutrina de Jesus Christo que, sellada com o sangue do seu Divino Fundador, dos apóstolos e dos martyres, se propagou com uma rapidez prodigiosa e atravez de todos os obstaculos, e se conserva, sob a vigilancia da Egreja Catholica, pura como esta a recebeu do mesmo Jesus Christo, e assim a vae transmittindo ás gerações futuras, que têm a felicidade de permanecer no seu gremio.

Appoiada nas Sagradas Escripturas e na Tradição, ensina a Theologia Catholica os dogmas da natureza de Deus, da creação do mundo, do peccado original, da redempção, e ao mesmo tempo os preceitos e leis, que o homem deve observar, para conseguir a felicidade eterna.

E a razão guiada pelo magisterio infallivel da Egreja, acredita estes dogmas, reconhece sua sublimidade, santidade e justa, e os bendiz pela luz que derramam sobre as mi-

serias da vida que, sem este auxilio celeste, permaneceriam inexplicaveis para nós!...

Eis a mais brilhante prova da influencia do catholicismo na intelligencia humana!...

Eis como só a Theologia Catholica nos fornece a verdadeira luz, que derrama seu fulgente clarão sobre os dogmas da religião, e faz a nossa felicidade n'esta e na outra vida.

Quem d'ella se desvia; quem se subtrahе ao suave jugo do seu ensino, como acontece aos protestantes, cahе irremediavelmente na voragem da contradicção e da desordem.

E n'estas se abysmam elles cada vez mais, guerreando-se mutuamente, afirmando estes o que aquelles negam, quebrando toda a unidade de ensino e de crença, sem o que não ha verdadeira Egreja.

Triste consequencia da rebellião, em que se lançaram, e da carencia de solidos principios, que não podem existir onde cada um acredita o que muito bem lhe parece.

*
* *
*

Comprehende a Theologia o dogma e a moral.

Pretender separar estes dous ramos, é uma pretensão ridicula; inculcar-se muito observantes da moral, desprezando o dogma, é uma confissão implicita de que para nada se importam nem d'uma, nem da outra; afirmar que se pôde ensinar a moral, prescindindo do dogma, como, com todo o desplante, devem fazer nas suas escolas os nossos protestantes, é vir alardear em publico que os alumnos de taes mestres ficam sem moralidade e sem crenças!...

Estes dous ramos—o dogma e a moral—estão tão estreitamente unidos, que não podem separar-se, sem se aniquilarem como a tunica inconsutil de Christo!...

Sem a fé que a alimenta, parece infallivelmente a virtude em nossas almas!...

A Theologia Catholica é representada n'aquella fonte mysteriosa do Genesis, que brotava da terra delectosa, e a

regava toda com a frescura das suas aguas. Assim todo o universo está cheio da suavidade e doçura da doutrina de Jesus Christo, como diz o Propheta.

A sua palavra santissima ouviu-se e espalhou-se por todos os confins da terra, abraçando-a em todas as partes do mundo, os povos tanto civilizados, como os mais ferozes e idolatras.

Dante representa a Theologia Catholica em Beatriz que, subindo de esphera em esphera atravez dos espaços celestes, se eleva até o throno de Deus. Assim ella, a Theologia Catholica no seu vehemente anhelos de preserutar as verdades eternas, só pára nas lucidas regiões da Bemaventurança!...

A Theologia Catholica é sublime na sua origem:—a luz divina, que Jesus Christo derramou na terra. Santo Athanasio diz que, assim como aquelle que intenta examinar os raios resplandecentes do sol, deve purificar e desviar dos olhos corporeos, tudo que lhes sirva de estorvo; assim quem na Theologia Catholica quer fazer progressos no conhecimento do sobrenatural e divino sol da justiça, ha-de purificar a alma de tudo que fôr impuro e terreno; ha-de fazer o que Marcilio recommenda aos que se entregarem ao estudo das obras de Platão: serenar o animo e apartar-se de toda a distração. *Prins sobrietate animi mentisque libertate se preciparet.* Sem estas precauções não dará um passo no estudo de tão sublime sciencia.

As outras sciencias, apoiando-se só nas luzes da razão natural, que facilmente se engana, cahem em muitos erros e absurdos: não assim a Theologia Catholica, porque tem principios certissimos—os Artigos da Fé, fundados na luz que mana da Sabedoria increada, que não póde enganar-se.

*

* *

Ensina-nos a Theologia Catholica o melhor e mais acertado modo de discorrer; diz-nos qual a verdadeira causa de todas as coisas; dá-nos remedios salutaes para as enfermi-

dades da nossa alma; ensina-nos a Lei fundamental de todas as leis—os dez Mandamentos, de cuja observancia depende a felicidade do homem; indica-nos qual seja o Summo Bem, a cuja posse deve aspirar todo o christão; e traça a todos nós a regra de bem nos governarmos.

E assim é ella a verdadeira luz de todas as nossas acções, como diz o Psalmista: «Tua palavra serve de luz a meus passos e caminhos.»

Sua doutrina é a luz resplandecente nas trevas, que nos cercam, e encaminha-nos directamente a Deus, nosso ultimo fim, o que jámais conseguiram os philosophos privados d'esta luz divina.

Por isso S. Jeronymo chama nescios a Platão, Aristoteles, Parmenides e outros, que não puderam, apezar de possuirem a sciencia humana, attingir o pleno conhecimento da verdade.

Finalmente a Theologia Catholica é sublime, pelo auctor que a ensinou; pois, assim como entre os antigos, tinha a primasia em grammatica a de Prisciano; em poesia, a de Virgilio e Homero; em philosophia, a de Aristoteles; em mathematica, a de Euclides; em cosmographia, a de Ptolomeu, e em medicina, a de Hypocrates: assim na theologia tem a primasia a que Jesus Christo ensinou, porque n'ella, como diz S. Paulo, se encerram todos os thesouros da sciencia e sabedoria de Deus.

(Continúa.)

Reitor de Mancellos,

José Victorino Pinto de Carvalho.

O PHANTASMA

(Continuado do n.º 7)

II

N'uma manhã d'abril, em que o sol em toda a sua pujança apparecia no horisonte, risonho e meigo como um anjo a acalentar a humanidade, passeava no jardim do Castello, por entre as alas de frondosas amoreiras, um mancebo de activo e nobre semblante que teria quando muito 25 annos. Vestia o traje do batalhão dos voluntarios: casaco azul por baixo de um casacão de peles e um barrete encarnado com uma comprida borla branca, cuja franja de seda lhe pousava no hombro direito. Da cintura pendia-lhe um cinturão de seda branca como a borla, e um florete suspenso de um talim de couro.

Instigado pela nostalgia da patria, caçado no labutar de todos os dias, Adolpho viera ao *ninho seu paterno* buscar a tranquillidade que o seu coração ambicionava. O gemer das pedras nas cascatas ia-lhe fazer esquecer o som marcial do clarim de guerra, os cantos melancolicos das camponezas, as vozes de commando dos seus generaes, e as flores do seu canteiro, os loiros do triumpho regados com sangue do coração e germinados ao calor da gloria.

O seu olhar espraiaua-se ao longe na contemplação muda de soberbas paisagens e a sua alma renascia deixando-se embalar voluptuosamente no regaço da terra que lhe foi berço.

— Como me sinto feliz, meu querido velho, tornando a ver estes logares que ha tanto tempo deixei!... E como estas arvores cresceram! Oh! lembro-me bem, era á sombra d'ellas que minha mãe me fallava dos perigos que ia correr... «Sê corajoso, meu filho, me dizia ella, sê fiel á tua patria, ao teu rei, e se alguma vez o perigo te fizer empallidecer, lembra-te do teu nome e do de teus antepassados. Honra o paiz

com as tuas virtudes, protege o fraco, ampara o opprimido e combate o agressor. São estes os deveres d'um nobre portuguez. Nunca esqueças Deus para Elle abençoar-te, proteger-te e restituir-te á tua mãe.» E enquanto falava abraçava-me e beijava-me chorando. «Sê bom, meu filho... Adeus, meu filho.» Oh! sim, adeus minha mãe, adeus até á eternidade.

A saudade, se não obliterada pelo menos diminuida pelas occupações guerreiras, surgiu-lhe agora no espirito mais vivida que nunca. A's arvores espessas, a cuja sombra passou os mais formosos dias da sua infancia, aquelle velho tão meigo e bom, o modo inexplicavel como seu pae o recebera, o veu de mysterio que envolvia o castello, tudo n'elle despertára a saudade, e duas lagrimas, filhas da mais cruel amargura, lhe rolaram pelas faces, onde se estampavam, como n'um espelho vivo, os sentimentos magnanimos d'um espirito nobre e dedicado e as aspirações sublimes d'um coração energico e bem formado.

—Para que dar largas a pensamentos tristes, se já não ha remedio? Todos sabemos como a snr.^a condessa era boa; foi uma grande desgraça a sua perda, mas resignemo-nos com a força do destino; sinto-me feliz por o ver a meu lado.

—E eu sinto-me feliz com esta tua alegria, meu bom Theodoro; recordo-me sempre com prazer dos nossos primeiros annos. Oh! como nós nos amavamos então?! éramos como dois irmãos. Tua mãe abraçava-nos e queria-nos egualmente! Theodoro, oh! ainda não mudei.

—Nem eu, meu caro Adolpho. Perdão senhor... E' o habito, parece-me ainda vel-o sentado nos joelhos de minha mãe quando ella nos cantava a canção da Princeza Magdalena.

No fundo da Provença
 Uma princeza havia
 Bella Maria se chamava.

—Mudemos de assumpto: não te parece que meu pae verga ao peso de grandes infortunios?

Quando cheguei recebei-me quasi frio e indifferente e com uns modos que me fizeram estremecer.

—Depois da morte da senhora condessa, tornou-se insupportavel; fala d'um modo desabrido e não responde senão por menosyllabos: só se entende com Roberto.

—E quem é esse Roberto?

—Nada sei a respeito d'esse homem a não ser que o snr. conde o admittiu ao seu serviço em seguida á morte de seu avô. Mas o que talvez o snr. Adolpho não acredite é que esse homem, creado na apparencia, é quasi o senhor absoluto do castello e exerce sobre o conde uma preponderancia esmagadora. Mas. . elle ahi vem.

Com effeito, Roberto tinha saído n'aquelle momento a porta d'um varandim e dirigia-se para o parque em direcção aos dois interlocutores.

—Cavalleiro, disse, approximando-se de Adolpho e medindo-o de alto a baixo insolentemente, seu pae espera-o.

—Desejava ser tratado com mais alguma delicadeza.

—Importam-me pouco os desejos d'um soldado, continuou sorrindo.

—Castigar-te-hei então esbofeteando-te essa cara maldicta.

—Não ousarieis tal!

—E porque não?

—Porque sou o senhor absoluto d'esta casa; porque mando o conde Holstom e mandarei seu filho Adolpho.

E sem esperar por mais resposta retirou se precipitadamente deixando Adolpho estupefacto.

N'este momento o conde que esperava seu filho, vendo que elle se demorava, dirigiu-se para o jardim, aonde o foi encontrar mergulhado n'um profundo seismar.

—Já que não vieste procurar-me, procuro-te eu.

—Esse Roberto fallou-me com tal insolencia que eu não quiz obedecer ás suas ordens.

—Roberto levava-te ordens minhas e não suas: devias obedecer. Este homem é bruseo e inconsiderado, conheço;

mas tem-me prestado grandes serviços e desejo por isso que nunca se lhe dirija uma palavra que lhe possa ser desagradavel.

—Que! e se me offendesse?!

—Era necessario soffrer.

—Oh! isso nunca!

—Escuta meu filho, tornou o conde depois de um momento de silencio, queres agradar a teu pae? Amal-o?

—Se o amo!... mais que a vida; se lhe quero agradar?... ordene. Que será preciso fazer? que perigo affrontar? diga, meu pae.

—E' preciso obedecer-me; é necessario soffrer, Roberto, é indispensavel supportar o seu mau humor. Exijo-o.

—Obedeço, meu pae.

—Bem, Adolpho; agora escuta teu pae, abre-lhe o teu coração generoso e fala-lhe sem receio: tu és joven; na tua idade os prazeres fascinam, estonteam. Dize-me, meu filho, nunca invejaste a sorte d'esses mancebos que senhores d'uma grande fortuna, vêem passar dennte dos olhos fascinados dias felizes, cheios de gloria, honra e prosperidade?

—Para que essas perguntas, meu pae? Tem notado algumas vezes na minha conducta, signaes de ambição e d'orgulho? sim, como muitos outros sonhei a felicidade, a gloria, mas era a gloria de arrancar d'entre uma multidão sanguinolenta a bandeira inimiga e hasteal-a já couvertida em trophou patrio no mais alto das fortalezas do meu paiz; sonhei a gloria, mas a gloria de cobrir com o meu corpo crivado de feridas, vertendo sangue, o corpo do general ameaçado e arrancar á morte um inimigo desarmado. Eram estes os meus projectos, eram estas as illusões que me embalaram o berço. Mas, meu pae, qual é a causa dos seus pezares? vejo-lhe a fronte sulcada de rugas prematuras, vejo-o triste, pensativo...

—Eu, Adolpho, eu não tenho nada, respondeu Halston sem poder conter um estremecimento. Tudo me sorri; meu filho ama-me, a fortuna favorece-me, a minha consciencia está tranquilla. Sou feliz.

—Prouvera a Deus que assim fosse! Mas infelizmente

a morte de minha mãe abriu-lhe no coração um vacuo immenso, uma saudade immorredoura. Para que deixar diluir o coração fibra a fibra, quando já não ha remedio? Para que chorar uma santa, se as suas virtudes lhe grangearam um logar no ceu?

— Meu filho, não falemos mais n'isso. Amanhã é necessario que partas. Roberto dar-te-ha ouro: quando o acabares enviar-te-hei mais. Quero que sejas o primeiro entre os teus eguaes e possas occupar no mundo o logar que compete á tua classe; mas para o futuro nunca mais transponhas o limiar d'este castello.

Dizendo isto fugiu precipitadamente deixando Adolpho como que aturdido. Theodoro, que escondido tinha ouvido toda a conversação entre o pae e o filho corre a abraçar-se com Adolpho como que offerecendo-lhe o seio para n'elle chorar livremente.

— Oh! eu temia sempre que succedesse qualquer coisa n'este sentido. Na verdade não sei como tudo isto hade acabar. Este castello parece-me maldicto: de dia é seu pae, é Ricardo que me atormentam, de noite são os phantasmas.

— Gracejar com os phantasmas, Theodoro?

— Nada, não gracejo não senhor, e o phantasma é o avô de V. Ex.^a.

— A tua imaginação faz-te desvairar, meu amigo.

— Não, senhor! Aqui ha dias não sei que força irresistivel me attrahiu para a velha torre do norte que tem estado sempre fechada depois da morte de seu avô. Como era n'esta parte do castello que habitava o avô de V. Ex.^a, conservei uma chave do corredor que conduzia ao seu quarto de dormir; recorda-se muito bem que eu era o seu creado favorito. Tinha dado alguns passos n'um salão em ruínas quando senti que alguem caminhava ao longo do corredor; escondi-me immediatamente atraz d'uma poltrona que ali se achava e pouco depois passa um velho todo descarnado, com as mãos algemadas por grossas correntes de ferro e quasi nú, apenas alguns farrapos lhe cahiam dos hombros. Não, eu não me engano: eram exactamente as feições e o andar de seu avô...

aquella fronte severa que outr'ora me fizera estremecer. Estava mais morto que vivo, queria falar e as palavras morriam-me nos labios; queria fugir e as pernas immobilisavam-se. O Phantasma foi-se affastando pouco e pouco sem dizer palavra, mas soltando profundos suspiros que ecoavam dentro do meu coração.

Logo que recuperei os sentidos galgei d'um salto a escaida secreta sem me atrever a olhar para traz; tinha porem a imaginação de tal modo perturbada que me pareceu ouvir alguem que dizia: «oh! quem quer que sejaes tende piedade de mim.»

Desde então nunca mais tive socego: a imagem do meu velho senhor seguiu-me por toda a parte; ouço sempre aquella voz que me feriu o coração e aquelles lamentos indiziveis que ainda me gelam d'espanto.

—Muito bem, meu velho, tudo o que viste não passa d'uma illusão. Encontrando-te nos aposentos de meu avô, a tua imaginação despertada por tudo o que estes logares lhe recordavam, fez-te ver o que na realidade não existia.

—Não, Adolpho, desprezei sempre os contos de velhas; mas o que eu vi não foi illusão, era seu avô.

Estas palavras foram ditas com a mais profunda convicção.

Adolpho estremeceu. A convicção com que aquelle homem falava, as cousas singulares que lhe narravam, o mysterio que envolvia todas as acções de seu pae, fizeram-no reflectir. Uma ideia terrivel lhe brilhava no cerebro «oh! não, não póde ser! E' impossivel que meu pae seja criminoso.»

Todavia a duvida que uma vez lhe atravessou o espirito, firmou-se agora mais e mais e tomava proporções assustadoras. Precisava de saber tudo; tinha necessidade de desvendiar aquelle mysterio que agora parecia querer esmagal-o; desesperava por saber toda a verdade. E havia de sabel-a: mas como? Pouco tempo esteve indeciso.

—Theodoro, ámanhã hasde entregar me a chave que abre a porta secreta que leva aos antigos aposentos de meu avô.

— Oh! isso não! nunca o farei! Não devo consentir que V. Ex.^a se exponha...

— Expôr-me, a quê? se tudo o que tu dizes ter visto não passar d'uma illusão, nada poderei receiar; se pelo contrario viste a realidade, n'este caso conhecerei o Phantasma que tamanho susto te causou e desvenderei esse mysterio que nos assombra.

— Não insista; provavelmente vi mal, senhei talvez; não deve lá ir, pois... e demais a mais não sei que destino a chave levou.

— Vamos, meu amigo, se procuras desviar-me do meu intento, enganás-te; formei o meu plano e hei-de realisá-lo necessariamente, soffra o que soffrer, custe o que custar.

Theodoro reconheceu que qualquer tentativa para desviar seu joven amo do plano formado seria infructuosa. Prometteu por isso entregar a chave contentando-se em dizer:

— Agora como recompensa hade conceder-me um favor.

— Pois não, qual é?

— Depois dil-o-hei a V. Ex.^a, por agora basta-me a sua palavra.

Algumas horas depois o mais profundo silencio reinava no castello do poderoso conde de Melina.

(Continúa.)

J. MACHADO.

NO SANCTUÁRIO DA PENHA

Aos hymnos que no Ceo
em goso perennal
canta ao Nome teu
o côro angelical,

quizera unir também
 meu canto de louvor,
 MARIA—nossa Mãe!
 MARIA—nosso amor!

Sobre a nevoa da serra que se adensa
 em tórno á tua mystica morada,
 minh'alma vôa na expansão da crença,
 e vem saudar-te, Mãe Immaculada.

Rasgado pelos schistos do caminho,
 sem refrigerio ter a mágoa tanta,
 corro acolher-me a Ti,—ave sem ninho,
 que a tempestade para longe espanta.

Já posso descansar. O puro ambiente
 que se respira aqui embalsamado,
 não o vicia a turba impertinente
 que rumoreja além no povoado.

É bello este lugar. O som que passa
 não tem intercadencias d'amargura:
 que o teu conspecto, Mãe do Céu, deslaça
 a fria, intensa bruma da tristura.

Aqui, do Céu mais perto, eu sinto o nada
 que veste ás honras cobigado arminho:
 —nugas, poeira que no chão da estrada
 varre, ennovela, espalha o torvelinho.

O que sommam blandicias d'aurea sorte?
 Em que pára o que o mundo mais venera?
 Obrumbra os ares o buleão da morte,
 e tudo volve ao pó d'onde viera.

O que vale essa lucta fraticida
 em que o homem se afana em sanha rude?
 Á flôr do charco social, na vida,
 só pôde erguer-se a nave da virtude...

.....

Fitando o teu olhar, doce esperança
 sinto crescer mais vívida e risonha:
 em mar de prantos, Iris da bonança!
 Pharol d'um porto que minh'alma sonha!

DIAS FRETTAS.

CARTAS D'UM IMPIO

II

A excellencia da philosophia pagã

(Continuado da pag. 288)

Entre os paladinos do credo que V. defende, passa como axima de primeira evidencia que o christianismo a par d'uma enorme evolução theologica produziu uma profunda e esplendida remodelação moral. E tanto este preconceito ganhou fóros de verdade que quasi não apparece escripto apologetico em que o Paganismo desenhado a negro, não esteja a servir de fundo aos problematicos esplendores da sua religião. E' uma injustiça. Uma boa parte d'esses brazões aureos que a Egreja usa suspender entre os arrendados do seu portico sumptuoso, não lhe pertence; é uma usurpação iniqua feita á philosophia pagã.

Pondo de parte a questão previa relativa á pureza da vida dos christãos nos primeiros seculos do christianismo, que numerosos testemunhos provam não ter sido tão immaculada como se tem querido fazer passar em julgado, entrarei directamente no assumpto.

A philosophia pagã em muitos pontos eguala e em outros excede a moral christã.

Nem se diga que essa philosophia, limitada ao recinto estreito das escolas, não podia actuar sobre a maioria da população, não merecendo por isso ser posta em confronto com a religião christã que influe poderosamente em todas as camadas sociaes.

(Continúa).

RODRIGO MORENO.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Recebemos e muito agradecemos:

—*A oportunidade da Philosophia thomista em Portugal*—Discurso na solemne academia celebrada pelo Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga no Paço Archiepiscopal de Braga, no dia 16 de Maio de 1892, por *P. Martins Capella*.

—*Discursos recitados na academia religiosa e litteraria promovida pelo Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga*.

—*Relatorio do Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga no anno lectivo de 1891 a 1892*.

—*A Parede e as minhas responsabilidades* por *Abel Andrade*.

—*Critica Litteraria* por *Abel Andrade*.

No proximo numero de «Crença & Letras», havendo espaço, diremos algumas palavras a respeito d'estas excellentes publicações.

BRUNO D'ALMEIDA.

GAZETILHA

Amandio A. Alves de Mello e Caldas, de *Braga*
Bernardino de Souza, de *Guimarães*
João Olympio Sampaio Rebello, de *Lanhoso*
Manoel Joaquim Faria Azevedo, de *Fafe*
José Martins de Freitas, de *Fafe*
José Candido de Sampaio Rebello, de *Lanhoso*
Albino Mendes d'Oliveira, de *Fafe*
Eugenio Barbosa Sotto-Maior, de *Braga*
Estevão Leite de Faria, de *Vizella*
Abilio Antunes d'Azevedo, da *Maia*
Antonio Torres, de *Vizella*
Amilcar Barca Martins da Cruz, de *Braga*
Manoel Ferreira de Carvalho, de *Vizella*
Alvaro Ribeiro da Costa Sampaio, de *Guimarães*
José Casimiro Costa, de *Braga*
Armindo Mauricio Pinto Rodrigues, de *Vizella*
Antonio Fortunato da Silva Basto, de *Guimarães*
José Bento Ribeiro de Castro Meirelles, do *Porto*
Arthur Novaes da Costa Leite, de *Felgueiras*
José Sumavielle, de *Fafe*
Antonio Francisco da Silva Reis, do *Porto*
Augusto Gonçalves de Vasconcellos, de *Lisboa*
Alberto Pereira Leite de Magalhães, de *Felgueiras*
Alberto Carlos da Fonseca Pereira Guimarães, de *Felgueiras*
Francisco Barbosa Falcão d'Azevedo Sotto-Maior, de *Braga*
Luiz Augusto d'Azevedo, de *Braga*
Duarte Vasco Magalhães Aguiar, de *Famalicão*
Gaspar Antonio Pereira Guimarães, de *Felgueiras*
Joaquim Torres, de *Vizella*
Altino da Costa Maia, da *Maia*
Nicolau d'Arrochella Vieira d'Almeida Sodrê, de *Chaves*
José Ribeiro Vieira de Castro Sobrinho, de *Fafe*
Luiz Leão Queiroz, de *Paços de Ferreira*

Exames em Outubro.—Foi excellente o resultado colhido por este Collegio nos exames d'outubro, em todas as aulas em que apresentou alumnos, que foram: — Portuguez, francez, inglez, latim, litteratura, philosophia, physica e desenho.

Hospede illustre.—Esteve alguns dias n'este Collegio o meritissimo lente da faculdade de theologia, dr. José Maria

GAZETILHA

Rodrigues, um dos mais distinctos e mais esperançosos ornamentos da Universidade de Coimbra.

Crença & Letras.—Consta-nos que esta revista, ao iniciar o segundo anno da sua publicação soffrerá importantes modificações, todas favoraveis aos seus numerosos assignantes.

Distribuição de premios.—Se é verdade o que ouvimos, no dia de S. Dámaso, a 11 de dezembro, serão distribuidos premios aos alumnos que obtiveram a classificação de distinctos nas aulas do anno lectivo preterito.

Na gazetilha de novembro informarei com mais segurança a este respeito.

Melhoramento.—A direcção d'este Collegio resolveu mandar dar um prato de meio todos os dias aos alumnos e dois nos dias sanctificados. Bem entendido.

Feridos.—Em virtude da festa dos Santos, serão feridos os dias 30 e 31 de outubro e 1 de novembro. Os alumnos de perto poderão ir passar a suas casas esses tres dias.

Aulas.—Já principiaram quasi todas as aulas. Os professores são os mesmos do anno passado, tendo havido apenas uma substituição. Ha tambem aulas de 5.º e 6.º anno de mathematica e physica.

Os cursos de instrucção primaria, portuguez, francez, inglez e geographia, são muito numerosos.

Alumno distincto.—O alumno do Collegio que mais se distinguu nos exames d'outubro dando provas de muita applicação e notavel habilidade foi José Sumavielle, de Fafe. Parabens.

Gymnastica e esgrima.—As lições de esgrima e gymnastica serão dadas pelo ex.^{mo} snr. José Vaz Corrêa Guimarães, do Porto. Os alumnos que desejarem frequentar estas aulas deverão pedir licença a suas familias.

A Penha.—Proseguem com actividade as obras da formosissima Penha, onde em breve veremos levantada a esttua de Pio IX.

O que não prosegue nem sequer principiou ainda é a estrada que deve ligar com a cidade o Collegio de S. Dámaso e com aquella estancia encantadora. Pois a verdade é que esta estrada é a primeira e a mais urgente de quantas obras possam chamar a attenção da ex.^{ma} commissão dos melhoramentos da Penha.

20 d'outubro.

O collegial M. C.